

## AS MULHERES ASSEMBLEIANAS ENTRE O PERMITIDO E O PROIBIDO: A INDUMENTÁRIA DO PROFANO E DO SAGRADO.

Rok Sônia Naiária de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo é fragmento de uma dissertação de mestrado defendida no ano de 2014, no mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará. Nesta, a indumentária e suas diversas maneiras de usos foram abordadas como um dos principais aspectos que caracterizam as mulheres da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã- CE. Para este artigo, focamos na relação que o espaço sagrado da Igreja exerce quando se trata da mudança de vestes das fiéis durante o processo de conversão. Destacamos as táticas de uso, adaptações realizadas por estas mulheres que transformam roupas da moda, ou “roupas do mundo” em trajes adequadas para o mundo “sagrado”. Para tanto, apresentamos entrevistas com mulheres assembleianas, croquis desenhados exclusivamente para elas, por costureiras locais e imagens da materialização desses desenhos.

**Palavras- Chave:** Vestimenta. Mulheres. Identidade. Assembleia de Deus.

### ABSTRACT

This article is a fragment of a master's dissertation in 2014, the Academic Master's degree in History from the State University of Ceará. In this, the dress and its various ways of uses have been addressed as one of the main aspects that characterize women of God Church Assembly Center Temple thou- EC. For this article, we focus on the relationship that the Church's sacred space exerts when it comes to changing garments of faithful during the conversion process. We emphasize the use of tactics, adaptations made by these women who become fashionable clothes, or " the world's clothing " in appropriate costumes for the "sacred" world. Therefore, we present interviews with assembleianas women sketches designed exclusively for them by local seamstresses and images of the materialization of these drawings.

**Key-words:** Clothing. Women. Identity. Assembly of God.

**RECEBIDO** 10/04/2016

**AVALIADO** 06/06/2016

<sup>1</sup> Graduada em História pela Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central. Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes. Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará.

## Considerações iniciais

Trecho de uma dissertação<sup>2</sup> de mestrado, este artigo simboliza a culminância de uma pesquisa que vem sendo realizada ao longo de quatro anos de reflexões, desde que os primeiros passos na pesquisa acadêmica foram dados, ainda na graduação em história. Neste trabalho, a indumentária foi abordada como um dos principais aspectos que caracterizam as mulheres da Igreja Assembleia de Deus Templo Central, na cidade de Milhã, interior do sertão central cearense. As saias, os vestidos e as blusas com mangas longas, além do não uso de decotes e dos cabelos alongados e discretos, definem as fiéis que seguem a doutrina dos usos e costumes.

Nesta cidade, uma mulher assembleiana logo é reconhecida por sua aparência, tendo em vista que grande parte das proibições, principalmente no tocante ao controle das vestimentas e das vaidades é direcionada a elas. Estudamos a indumentária dessas fiéis, como um símbolo de distinção e afirmação de identidades. Focamos principalmente no grupo das neoconvertidas, explorando suas memórias sobre o período de conversão e seus posicionamentos sobre a importância de uma conversão nos hábitos de trajar.

O trabalho discute como a indumentária, através de suas diversas maneiras de usos, é portadora e geradora de identidades, além de revelar os meandros das relações de gênero, corpo e espírito, sagrado e profano. Nesse sentido, para a mulher, não basta converter-se a Assembleia de Deus Templo Central (ADTC), Igreja de vertente pentecostal<sup>3</sup>, é necessário evidenciar a conversão para toda a sociedade, e isso é expresso através dos signos indumentários.

A mudança de vestes é uma forma de conquistar rápida e visivelmente a identidade de mulher virtuosa. Para tais considerações, utilizamos fontes orais: entrevistas realizadas entre lideranças e mulheres da Igreja, fontes escritas: revistas lições bíblicas, questionários socioeconômicos e atas de conversões do grupo, e fontes fotográficas: fotografias da Igreja, dos cultos, e das mulheres assembleianas. Temos ainda, uma bibliografia que navega pela história, sociologia, antropologia, ciências da religião e teologia.

<sup>2</sup> Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará. Originalmente intitulada: O militar de Cristo todo mundo conhece pelo Uniforme: A indumentária da Neoconvertida Assembleiana, Milhã-CE (1990-2012)

<sup>3</sup> O Pentecostalismo é uma corrente religiosa que surgiu dentro do protestantismo histórico. Tem como fundamento principal a Bíblia, o batismo nas águas, a crença no Espírito Santo, e utilizam as práticas da glossolalia (falam em línguas estranhas), que é uma forma de demonstrar a presença do Espírito Santo entre eles. (ROLIM, 1987)

## As relações com o sagrado

As relações entre sagrado e profano vem sendo profundamente debatidas ao longo da história, retratando os conflitos e especificidades na relação do ser humano com o transcendente. A roupa é um aspecto profundamente marcante dessa relação, principalmente quando se fala de igrejas protestantes, que prezam pelo recato e pudor de sua fiéis. Pensando nisso, buscamos retratar neste artigo as maneiras pelas quais as mulheres assembleianas transformam sua maneira de trajar, equilibrando as roupas consumidas pelo mercado da moda, e aquela permitida pelas doutrinas religiosas da Igreja assembleia de Deus Templo Central.

O espaço da Igreja e o modo de vida que está imbricado em pertencer a ela, assume uma positividade na vida do fiel, na medida em que se relaciona ao transcendente. Nessa perspectiva, tudo aquilo que não está dentro dos costumes do grupo, ou entre as paredes do templo, são vistos como modo profano de se viver. Pensando nessa oposição, compreenderemos que a Igreja só se transforma no lugar do “sagrado” porque tudo que nela é oferecido é diferente do que o “crente” encontra na rua, ou em outros espaços. É por isso que para o fiel vestir-se para caminhar pela rua, para frequentar lugares variados, não possui o mesmo valor de vestir uma roupa para ir a Igreja. O fato de estar na “casa de Deus” requer respeito, portanto, os trajes utilizados pelo fiel é uma maneira de reverenciar suas entidades divinas. Observemos a fala a seguir da assembleiana Daniela Martins<sup>4</sup>.

A bíblia diz que os que servem o senhor, eles tem que ser luz né. E a partir do momento que você chega num lugar, as pessoas, num sei, acredito que seja pelo brilho né. Mas muitos quando veem uma mulher vestida com sainha, blusinha, eles já perguntam logo se é evangélica. E isso em muitos lugares. Onde eu passo as pessoas me perguntam se eu sou evangélica. Acredito que faça alguma diferença né.

Percebemos nesta fala que o diferencial na aparência e na conduta dos fiéis assembleianos é um aspecto marcante na identidade do grupo. Quando conversamos com algum milhanense a respeito de Igrejas evangélicas existentes na cidade, a Assembleia ainda é vista como a mais tradicional do município. Principalmente porque a forma de trajar das mulheres assembleianas é constantemente mencionada entre aqueles que pertencem a outras denominações protestantes, ou mesmo aqueles que participam de outros segmentos religiosos. Mas porque ela é vista de tal forma? E em que medida ela pode ser considerada tradicional?

É necessário atentarmos para o fato de que, as questões abordadas neste trabalho sempre acabam por perpassar a questão do reconhecimento e do pertencimento a identidade

<sup>4</sup> Nome Fictício. Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2012.

assembleiana. Ser um componente da ADTC de Milhã é mais que uma conversão ao pentecostalismo, é distinguir-se entre os demais membros da sociedade milhanense. No trecho citado acima, a entrevistada acredita que o crente tem um brilho diferente em relação às pessoas do “mundo”. E nesse sentido, a vestimenta funciona com signo de distinção. Principalmente das mulheres. Percebemos também, que o fato de ser reconhecida como uma mulher evangélica estritamente pelo uso das vestes assembleianas, significa que sua marca de diferença está em evidência.

A necessidade de ser exemplo, de ter uma aparência e uma rotina diferente é evidenciada nas pregações. O mundo e suas características sagradas e profanas são postas em evidência. Deste modo, o fiel tem a opção de escolher em qual mundo irá habitar. Aqueles que escolhem seguir a Igreja devem abandonar as coisas do mundo em nome do que pertence a Deus.

Então, essa mulher é diferente das demais da sociedade. Sua roupa funciona como brasão de seu grupo. E, portanto, ela deve evitar a exposição em lugares que não estejam em comunhão com o que a Igreja prega. Ao frequentar um lugar condenado pela Igreja, essa mulher não estaria ferindo apenas sua imagem pessoal. Seria uma afronta, uma mancha para a imagem da Igreja. Tendo em vista, que quando sua presença fosse notada, e suas vestes observadas, o reconhecimento de seu pertencimento a ADTC logo aconteceria. A mulher assembleiana carrega consigo uma importante tarefa de representar as crenças de sua igreja. De ser um símbolo e se fazer digna de ser este símbolo de seu grupo na sociedade. Deste modo, ter o nome ou a imagem ameaçados por especulações que giram em torno de seu comportamento ou aparência, causa constrangimento e o medo da exclusão. Rejeição e exclusão do espaço mais importante para o assembleiano, a Igreja.

## O traje de usar na igreja: as astúcias da mulher assembleiana

*Dá pra adequar. É, como tem bolero e tudo, é da pra você adequar com, com um tomara que caia. Você vê roupas diferentes, que não foram feitas especificamente pra nós, mas que com um bolero dá pra você adequar, você fazer um modelo bem diferente. Então é você, dá pra você adequar e você usar e ficar bem elegante.*

Ana Luiza Oliveira

Quando uma mulher assembleiana caminha nas ruas da pequena cidade de Milhã, sua presença é rapidamente percebida. As saias que cobrem os joelhos, as blusas sem decotes e com mangas, os cabelos em tamanhos maiores, a leveza nos tons de suas unhas e em suas faces, são características que diferenciam essas mulheres das demais.

Com uma aparência decorosa, e uma postura altamente comedida, elas se destacam ainda por sua elegância. A combinação dos trajes tipicamente assembleianos com feições modernas fazem com que uma festa ou encontro realizado pela Igreja, se transforme num espaço onde caminham com “recato” e elegância, as “mulheres virtuosas”.

Desta forma, acreditamos que a existência de uma vestimenta adequada e impecável para ir a Igreja é algo incontestável. Na Igreja as mulheres assembleianas usam suas melhores roupas, aquelas que mais expressam seu pertencimento ao grupo. No que se refere às novas convertidas, utilizam seus novos trajes, sua nova aparência, ou seja, mostram visivelmente sua adesão.

Contudo, será que aquela que se converte abandona totalmente todos os estilos de roupas que utilizava? E as demais mulheres assembleianas, será que excluem totalmente de sua aparência as roupas da “moda”, por não serem aquelas permitidas por seu grupo? Que tipo de vestimentas as mulheres assembleianas utilizam para ir para aos cultos? Buscaremos discutir essas questões, percebendo que as roupas ganham, portanto, um valor simbólico, que vai além de seu uso prático.

Saias, vestidos, mangas, são aspectos marcantes no traje da assembleiana. Os símbolos de feminilidade, decência e da “virtuosidade” dessas mulheres. É seguindo esses signos que as primeiras assembleianas de Milhã, na década de 1960 se vestiam. É com base neles que as mulheres de hoje se vestem. É tentando segui-los que as novas convertidas buscam reconhecimento. Mas será que a aparência das fiéis, a partir desses signos é a mesma? Será que o fato de seguir um padrão indumentário, realmente padroniza a aparência dessas mulheres? E o que dizer da maneira como as fiéis se vestem hoje, em relação a imagem de “crente” assembleiana estereotipada na sociedade desde as pioneiras assembleianas no município de Milhã?

Através dos relatos de nossas entrevistadas, principalmente das mulheres mais velhas, conseguimos descrever a maneira como a mulher assembleiana se vestia no período de instalação da Igreja na cidade. Longos vestidos até quase as “canelas<sup>5</sup>”, com mangas que batiam nos “cotovelos<sup>6</sup>”. Roupas frouxas, sem detalhes. Apenas com algumas estampas que já pertenciam ao tecido. Nada de muito chamativo ou extravagante. Essa é a descrição do estilo da mulher evangélica pioneira.

Mesmo reconhecendo as mudanças que seguem ao longo dos anos, as Igrejas mais tradicionais que prezam por um padrão indumentário, e mesmo as lideranças de Milhã, acreditam que essa é a maneira correta de uma mulher se vestir. Contudo as divergências são muito comuns

<sup>5</sup> Parte da perna, entre o joelho e o pé. Disponível em <http://www.dicio.com.br/canela>. Acesso em 04/12/2013.

<sup>6</sup> Articulação situada na parte média do membro superior, que reúne o braço e o antebraço. Disponível em <http://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=cotovelos>. Acesso em 04/12/2013.

entre a opinião, das lideranças, das pioneiras, das mais jovens e entre aquelas que ainda passam pelo processo de conversão. Falando a respeito do estereótipo da mulher evangélica, a fiel Andreia Mattos<sup>7</sup>, convertida em 2008, faz uma crítica às pessoas que só reconhecem uma mulher “crente” se estas se vestirem como as fiéis de antes,

[...] é porque tem pessoas que acham que crente é aquele do saião, do cabelão, do lar. E eu me arrumo bem arrumadinha pra sair. Aí o povo, ainda quer aquele crente antigo. Do saião lá nos pés, da roupa bem aqui. sabe, todo desarrumado, que é o que era antigamente. Hoje em dia, a Igreja em si, as pessoas andam bem vestidas. Bem arrumadas. Não andam vulgar, mas bem arrumadas elas andam, né. [...] Eu acho que as pessoas daqui querem o crente vestido como antigamente. O crente santo, entendeu? Aquele crente da roupona e tudo. Acham, “ah fulano é crente, olha a sainha dela”, entendeu? Mas as minhas saias são tamanho normal, tanto que aonde eu vou com elas, lá fora as pessoas veem e diz, olha você é crente? Qual Igreja? Então é sinal que eu estou me vestindo adequadamente. Aqui na cidade nunca ninguém chegou pra mim e perguntou se eu era crente.

A fiel se mostra indignada porque mesmo depois de ter se convertido e mudado sua aparência muitas pessoas da sociedade milhanense não a reconhecem como crente. Ela acredita que as pessoas da cidade ainda buscam aquela crente de antes, com roupas muito longas, como o que ela chama de “saiões”, além dos cabelos compridos. Andreia deixa transparecer a imagem que possui das mulheres evangélicas de antes, segundo ela eram mulheres “desarrumadas”, é o que ela chama de “crente antigo”. Para Andreia Mattos, as mulheres de hoje se arrumam mais, andam bem vestidas sem deixar de usar saias e roupas decentes, sendo, portanto, reconhecidas em outros lugares como mulheres evangélicas.

Mas será que essas mulheres de “antigamente”, as crentes pioneiras, eram totalmente exíguas de vaidades? Em algumas conversas informais com nossas entrevistadas, elas afirmam que as mulheres de antes se vestiam praticamente iguais. Isso porque maiorias das roupas eram encomendadas em costureiras. Isso é destacado por Marta Lúcia<sup>8</sup>, uma das primeiras assembleianas de Milhã, quando interrogada a respeito de como conseguia obter suas roupas de evangélica, ela afirma,

É as costureiras. Usava roupa feita pelas costureiras, quase, num tinha essa história de comprar roupa feita. Comprava a fazenda pra fazer, a pessoa fazia do seu gosto né. Aí a gente, nesse tempo num tinha revistas pra gente vê. Mas a gente fazia os desenhos. Sempre tinha a costureira né. Dava aquela dica pra gente, há esse modelo aqui é assim. Num é feio, é bonito, tal. E a gente mandava fazer.

<sup>7</sup> Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012.

<sup>8</sup> Nome fictício- Entrevista realizada no dia 11/07/2010

Mesmo com a falta de opções para comprar as roupas, ou mesmo com as dificuldades de encomendar, as fiéis utilizavam o trabalho das costureiras. Segundo Marta, a opinião da costureira ao apresentar modelos que considerava bonito, era de grande valia para as fiéis que procuram mesclar o que achavam bonito e o que não feria as ideologias do grupo. Assim, não há como negar a existência de vaidades, mesmo que de forma comedida, entre as fiéis desse período (o período narrado pela fiel Marta Lúcia é de fins da década de 1960). O fato de não ter opções, ou mesmo condições financeiras para comprar roupas, não evitava que essas mulheres conseguissem driblar as dificuldades. Mesmo com as imposições culturais e religiosas da época, usar roupas adequadas aos seus gostos pessoais e que estivessem dentro dos padrões da Igreja era uma necessidade para essas mulheres.

Acreditamos que a criatividade empreendida pelas mulheres no “uso” das vestimentas assembleianas sempre existiu. Até principalmente 1990, ocorriam de forma mais singela, mas nem por isso deixavam de existir. Só depois de 1999 começaram a ocorrer de maneira mais intensa. Tal fato é percebido em alguns relatos analisados nesta pesquisa. Onde ponderamos que essa mudança na Igreja de Milhã, tem a influencia dos “usos e costumes” direcionados a AD de todo o Brasil pela resolução ELAD de 1999<sup>9</sup>.

As mulheres começaram a ousar mais, fazer “bricolagens<sup>10</sup>” com o que a Igreja permite e com o que a “moda” lhes oferece. É por isso que, os relatos que estamos analisando neste tópico, trazem falas de mulheres que seguem os usos e costumes assembleianos, e mesmo assim, são vaidosas e procuram cuidar da aparência escolhendo bem a indumentária. Elas desfilam beleza, costumes e inovações nos dias de cultos e festas de seu grupo. Na Igreja, onde sempre vestem as roupas que mais tipificam a mulher assembleiana, elas mostram que não basta comprar uma saia, ou um vestido. Pois empreendendo criatividade, elas utilizam vários modelos e ainda assim, se vestem de mulher assembleiana.

Acreditando que as roupas são essenciais enquanto “códigos de leitura social” (ROCHE, 2007), percebe-se a necessidade de analisá-la em seus aspectos de uso. Desta feita abordamos as peças indumentárias das fiéis assembleianas não de maneira meramente utilitária ou descritiva, nosso intuito é compreender como se constroem as “práticas cotidianas” que transformam o uso das vestimentas e conseguem empreender resistências sutis em meio às proibições doutrinárias da congregação assembleiana. De maneira sutil, elas trazem as roupas da moda para dentro do cotidiano evangélico, que ainda se faz altamente tradicionalista, e isso só vai sendo percebido com o passar do tempo, e da adesão de mais fiéis aos novos usos e estilos indumentários.

<sup>9</sup> Reformulação dos “usos e costumes” que ficou conhecida, segundo nos informa Fonseca (2009, p. 16), por “Resolução ELAD”. Isso porque, suas modificações foram apresentadas no 5º Encontro dos Líderes das Assembleias de Deus (ELAD), realizado entre os dias 23 e 26 de agosto de 1999.

<sup>10</sup> Trabalho ou conjunto de trabalhos manuais, ou de artesanato. Disponível em : <http://www.dicio.com.br/bricolagem/>. Acesso em 02/12/2013.

Maneiras de fazer, táticas, astúcias, caracterizam a construção da vestimenta assembleiana feminina. Abordaremos principalmente, os modos de combinar, modificar e transformar as roupas comuns em roupas “assembleianas”, a partir do conceito de “táticas”, tal como o define Certeau (2009, p. 95). Isso porque, para o autor, “a tática é a arte do fraco”, é uma antidisciplina. Posto isso, consideramos que é burlando as imposições e a vigilância do grupo elas reinventam suas práticas, sem interferir nos costumes. De forma audaciosa e ao mesmo tempo “sutil” essas mulheres transformam sua aparência. Para Certeau (2009, p. 45) as táticas de consumo são engenhosidades do fraco, e constituem uma “politização das práticas cotidianas”, ele define ainda as táticas como a

[...] ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, a distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”[...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (p. 100-101)

“Aproveitando as ocasiões” a fiel assembleiana utiliza suas roupas fazendo um misto do seu desejo com o que lhe é imposto pelos costumes da Igreja. Ela transforma seu espaço, e assinala sua existência de autor, já que mesmo se adequando as doutrinas e exigências da instituição religiosa que segue, impõe seus gostos pessoais e suas características que a distinguem enquanto usuária de um determinado produto. Desta feita “sem sair do lugar onde têm que viver e que lhe impõe uma lei” (CERTEAU, 2009, p.87), as mulheres assembleianas utilizam da criatividade na escolha de seus trajes, onde o intuito é se manter dentro dos costumes de seu grupo, sem estar alheia as inovações vestimentares.

Para entendermos um pouco mais as diversas formas de “usos” das vestes femininas assembleianas, é necessário compreendermos como o vestuário ganha destaque dentro uma sociedade. E também dentro de uma área de estudos que é a história. Segundo Roche (2007, p. 38), “O primeiro interesse histórico pelo vestuário remonta aos séculos XVII e XVIII” No entanto, foi só no decorrer do século XX que a historiografia gradativamente foi reconhecendo à importância dos estudos da indumentária, intimamente ligada a história dos costumes.

O estudo das roupas também está intimamente ligado as pesquisas com relação a civilização material, ao homem e suas produções, suas práticas de consumo, não deixando de enfatizar também, aspectos econômicos<sup>11</sup>. Também se destaca em pesquisas que afirmam estudar a cultura material das sociedades, uma área intimamente ligada aos estudos arqueológicos. Destacar a vestimenta como objeto de estudos partindo de uma perspectiva da cultura material é pensá-la como um objeto de múltiplas facetas, diretamente relacionado às experiências do homem em diferentes espaços e temporalidades.

Para Roche (2007, p. 47), as roupas são capazes de fazer perceber os meandros da sociabilidade, proporcionando ainda um sentimento de pertencimento social. Segundo o autor, as roupas enquanto objetos de análise proporcionam uma leitura da sociedade. “A roupa, signo de adesão, de solidariedade, de hierarquia, de exclusão, é um dos códigos de leitura social”. Deste modo, a maneira de trajar traz consigo significados culturais, sociais, religiosos, políticos e econômicos, identificando uma época e os conflitos nela existentes. Ainda nesse sentido destacamos as prerrogativas de Andrade (2006, p. 01), para ela,

As roupas têm sua biografia, uma vida social, cultural, política e mantêm relações com outros objetos e com pessoas. Ao se relacionar com coisas e pessoas, as roupas produzem e ganham novas existências que são partilhadas especialmente através de experiências humanas.

Portanto, são as experiências humanas que empreendem diferentes significados e funcionalidades aos objetos<sup>12</sup>, e com a indumentária isso não é diferente. Ao optarmos por uma determinada vestimenta em detrimento de outras, empreendemos um processo seletivo e criativo que se torna visível na sociedade através da aparência. Nesse sentido, as relações entre coisas e indivíduos formam as bases dos estudos em cultura material.

Desta forma as roupas das mulheres assembleianas, ganham destaque dentro desse campo de pesquisa pois podem ser vistas a partir de suas diferentes formas de uso. As assembleianas de antes, tinham uma forma de consumir essas roupas. As de hoje, também possuem seus próprios mecanismos, e assim, cada uma delas vai dando sentido a constituição de seu “figurino diário”. As roupas deixam de ser objetos puramente materiais e passam a possuir uma carga simbólica e cultural embutida em sua materialidade<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Uma das obras norteadoras para esse tipo de abordagem sobre civilização Material, é o primeiro dos clássicos “As estruturas do cotidiano” de Braudel (1997), onde o autor discute a civilização material e a civilização econômica entre os séculos XV e XVIII. (BRAUDEL, 1997, p.17- 19).

<sup>12</sup> Sobre isso Julian (2003, p. 01) destaca que “A ideia de que as coisas materiais são entidades que nós podemos estar à parte, e empregá-las como evidência para as ações das pessoas no passado, se não é algo exclusivamente moderno, pelo menos é algo de uma sensibilidade moderna”.

<sup>13</sup> Contudo, é importante percebermos em que sentido essa materialidade é construída. A respeito disso Andrade (2006) citando Meneses (1992, p. 08) afirma que, “Por materialidade entendemos um conjunto de elementos físicos que indiciam uma problemática histórica, a vida social e cultural de uma pessoa e sua sociedade ecoadas por seus objetos. Os objetos nos ajudam a entender como se processam as relações sociais, a vida, o cotidiano”. (Meneses, 1992: 8).

Estudar a materialidade é perceber a importância dos elementos físicos e seus significados no cotidiano das pessoas. É observar a roupa da mulher assembleiana e perceber sua importância simbólica para o grupo. E como os elementos do vestuário vão sendo modificados no cotidiano do grupo a partir da utilização que as mulheres empreendem nelas. Nos relatos de nossas entrevistadas, elas descrevem as várias maneiras que encontram de adequar as roupas da moda ao que é permitido na Igreja. São as “táticas de consumo”, da qual falamos anteriormente. Andreia Mattos<sup>14</sup> destaca as práticas que empreende para transformar roupas comuns, ofertadas pelo “mercado da moda” num traje propício a mulher evangélica. Ser moderna, sem ser extravagante é o estilo ideal segundo a entrevistada.

Elas andam arrumadas. Elas fazem um penteado bonito, elas usam, uma, um batonzinho leve, tá. Num usam maquiagem, mas a gente nota que não é mais aquele crente de antigamente. É uma saia, um conjuntinho, um modelo moderno, sapatinho moderno. Então, a gente acompanha, como é que se dá o nome? A gente acompanha a modernidade, entendeu? Certo que eu não vou também botar um salto dessa altura, uma roupa extravagante pra entrar na Igreja, que aí num é nem um, um, como é que o meu pastor diz meu Deus? “Isso aqui não é um desfile de modas” a gente tem que andar arrumada, adequadamente, acompanhando a atualidade, mas, com moderação.

Penteados nos cabelos, batons em cores leves, combinados de saias e blusas, sapatos modernos, constituem o figurino atual da mulher assembleiana na opinião de Andreia. Para ela, a mulher pode ser moderna sem ser sensualizada. Esse posicionamento é o mais encontrado entre as atuais mulheres assembleianas. É também comum, entre as mulheres que se convertem e tem dificuldades de abandonar seus antigos trajes. Com adaptações, as roupas de antes ganham novos significados para aquelas que se convertem e nem por isso querem se desfazer de todas as suas roupas antigas. O exemplo a seguir, descreve como um modelo “tomara que caia”<sup>15</sup> pode se transformar numa vestimenta assembleiana.

Às vezes coloca um babadinho, uma rendinha na beiradinha da saia. Uma manguinha, um sobretudo, um bleizerzinho. Se é um tomara que caia, você dá uma adaptada. Certo? Então você fica na moda, né, como se diz. Você fica com uma roupa moderna, e bem vestida, na Igreja você num vai [...]

Babados ou rendas nas saias para aumentar-lhes o comprimento, mangas, *blazers*, são acessórios que vão aos poucos atribuindo decência, ao traje que expõe o corpo. Segundo Andreia Mattos, é possível ficar na moda, e ir bem vestidas para Igreja reaproveitando antigas roupas, ou mesmo comprando aquelas ofertadas em lojas comuns, e modificando-as. Essa readaptação das

<sup>14</sup> Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012.

<sup>15</sup> Tipo de peça do vestuário feminino que não é preso ao pescoço ou ombros por meio de alça (diz-se de vestido, blusa etc.). Disponível: <http://aulete.uol.com.br/tomara%20que%20caia#ixzz2pYbRDkxy>. Acesso em: 03/12/2013.

roupas é uma característica citada por todas as entrevistadas desta pesquisa. Até mesmo as senhoras da Igreja, que mesmo afirmando não usarem roupas da moda, reconhecem que é possível transformá-las.

Em meio a tantas táticas de usos mais simples e rápidas como a sobreposição de um bolero, destacamos a existência de muitos outros artifícios utilizados por essas mulheres. Conversando com algumas fiéis, constatamos a existência de uma costureira comum entre elas. Em conversas informais, a profissional afirmou que grande parte de suas clientes, que fazem encomendas tanto para conserto de roupas, como para a costura completa eram de mulheres assembleianas. Quando questionada a respeito da faixa-etária principal de suas clientes evangélicas, Silvia responde que,

O público, assim jovem, porque depois que surgiram vestidos de tecido esses modelos de tafetá, sempre vem mais pras lojas é tomara que caia, essas peças ai, esses vestidos né. Aí elas procuram muito porque mandam fazer, botam manguinhas, mandam fazer lenções, boleros, usam tomara que caia, mas com bolero.

De acordo com Silvia a procura é maior por parte das jovens. Ela destaca que principalmente com o surgimento de novas modas, as jovens requisitam seus serviços para adaptar as roupas da moda compradas em lojas da cidade. O fato de fazer a readaptação das roupas em prol do que é permitido também é citado pela costureira, que quando indagada a respeito do que as assembleianas mais fazem para consertar suas roupas afirma, “É botar barra em vestidos, quando compram os que são mais curtos, põem uma barrinha. É uma manga, porque tem modelos que dá pra adaptar uma manga. Aí já compram de acordo com o que dá pra fazer né.” Porém ela também destaca a procura por parte das senhoras da Igreja, que em períodos festivos da Igreja costumam reforçar a boa aparência e encomendam novas roupas. Para Silvia é no período de festas da Igreja que as assembleianas mais investem na exuberância de seus trajes. Quando indagada a respeito do que elas mais encomendam a entrevistada logo respondeu da seguinte maneira,

É vestido longo é saia. Usam bastante [...] Elas gostam muito de brilho. E no período que teve, que o pessoal usava muita lantejola, a gente, eu sempre bordava as roupas. Tinha muito bordado com pedras. Agora já mudaram né. Aquelas aplicações tipo, éé gregas. Colocam aquelas gregas ai faz um detalhe com pedras ao redor. É de acordo com a moda elas acompanham. [...].

Nesta fala percebemos então que além da roupa tipicamente assembleiana utilizada no dia a dia existem também as roupas para as festas da Igreja. Nesta fala Silvia destaca o uso de longos vestidos e saias. Além de outras incorporações da moda que sofrem “apropriações” por parte das fiéis. É o caso das roupas estampadas com brilho. A entrevistada destaca, quando se usavam as

lantejoulas<sup>16</sup>, as mulheres assembleianas também davam um jeitinho de aplicá-las em seus trajés, principalmente de festas. Mas agora, passaram a utilizar as “gregas”<sup>17</sup>. Os detalhes em pedras são uma maneira visível de se apropriar do que a moda oferece. Pois é um tipo de acessório que pode ser utilizado tanto na constituição das roupas “curtas e sensuais”, como nos estilos mais comportados e longos. Esse tipo de detalhe não influencia no comprimento ou na decência dos trajés. E sim, no fato de torná-los mais visível, extravagantes e modernos.

A costureira salienta ainda que grande parte dos modelos de roupas, encomendados pela assembleianas, são retirados de revistas de moda comuns. Ou seja, modas ofertadas para o público em geral. Silvia nos aponta a maneira mais comum encontrada pelas fiéis, para obter a roupa que desejam, elas fazem uma espécie de montagem, “Tem umas que trazem, pedem pra mim (eu) riscar, juntam um pouco de uma roupa, um pouco de outra, e formam um modelo”. Os croquis<sup>18</sup> desenhados pela própria Silvia, e grande parte deles auxiliados pelas ideias das fiéis assembleianas que procuravam os trabalhos da costureira, foram disponibilizados e podemos observá-los a seguir. Ainda de acordo com a profissional, todos os modelos desenhados foram produzidos e vendidos a mulheres da Igreja ADTC de Milhã.



Figura 01: Croquis de vestidos com boleros.  
Fonte: Acervo da Costureira



Figura 02: Croquis de vestidos com boleros.  
Fonte: Acervo da Costureira

Nas figuras 01 e 02 observemos croquis de vestidos com o modelo costumeiramente conhecido por “tomara que caia”. Peças sem uso de alças, que realçam o busto feminino e que tem o decote como chamariz. Porém, cada peça apresenta detalhes diferenciados em laços, fitas, pregas, na localização do zíper, ou até mesmo nos estilos da costura. As modelagens das peças também contribuem em seus diferenciais. Alguns vestidos são mais soltos na silhueta e outros marcam acentuadamente o corpo feminino. Desta forma, se tivéssemos como único referencial

<sup>16</sup> Pequena lâmina cintilante, de metal ou vidro, com orifício para enfiar a linha, que serve para enfeitar vestidos ou bordados. (Var.: lantejoila, lentejoula, lentejoila.) Disponível em <http://www.dicio.com.br/lantejoula/>. Acesso em 03/12/2013.

<sup>17</sup> O que a entrevistada chama de grega são também conhecidas por miçangas. Conta de vidro pequena e colorida. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/micanga/>. Acesso em 03/12/2013

<sup>18</sup> Croquis são desenhos de moda ou um esboço qualquer que não exige refinamento nos traços e é feito rapidamente como o esboço de uma ideia.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

os estilos dos vestidos, não teríamos como identificar especificamente a que tipo de mulheres eles seriam destinados. São modelos modernos, e com tamanhos intermediários. Pelos croquis podemos observar que o comprimento das peças é possivelmente pouco acima dos joelhos.

Para atribuir “decência aos trajes” e para que pudessem ficar apropriados as regras vestimentares assembleianas a costureira utilizou de uma prática de disfarce muito conhecida e utilizada entre as fiéis, o uso de “boleros”. Os boleros cobrem os decotes e os ombros da mulher, atribuindo mangas e comedimento a aparência. Para cada vestido a costureira desenhou ao lado modelos diferentes de boleros. Desta forma, os próprios boleros possuem formas e tamanhos diferenciados. Alguns são mais curtos com mangas um pouco maiores, outros possuem mangas mais curtas, porém são mais compridos. E há ainda, aqueles que mesmo curtos, quase não apresentam mangas.

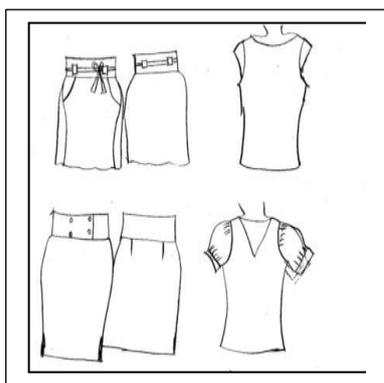


Figura 03: Croquis de saias e blusas.  
Fonte: Acervo da Costureira

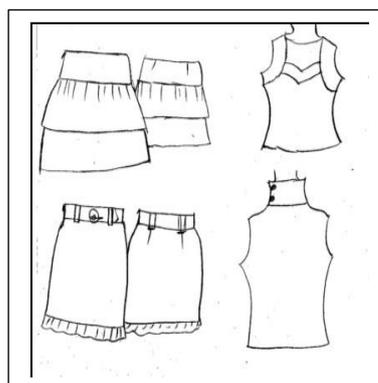


Figura 04: Croquis de saias e blusas.  
Fonte: Acervo da Costureira

Nas figuras 03 e 04 podemos observar croquis de saias e blusas. As peças esboçadas apresentam um comprimento intermediário, possivelmente também acima dos joelhos. Todas as peças apresentam modelos diferenciados. Algumas saias possuem a “cintura alta”, com detalhes em botões, ou filhos ao redor da cintura. Outras têm cós<sup>19</sup> mais fino e tem como acessório o cinto. Um dos modelos de saias tem uma sobreposição de tecidos em forma de babados formando saias mais rodadas. O detalhe, comum entre elas, é o uso de fitas, botões, e babados. Nas blusas predomina a ausência de mangas e um molde que aparentemente ficará colado ao corpo. Apenas um dos modelos apresenta mangas em seus moldes mais tradicionais.

<sup>19</sup> Tira de pano reforçada que envolve como remate a cintura de certas peças de vestuário, como calças e saias; CINTA. Disponível em <http://aulete.uol.com.br/c%C3%B3s#ixzz2pYfx7MGI>. Acesso em 03/12/2013.



Figura 05: Croquis de vestidos com mangas  
Fonte: Acervo pessoal da Costureira

Na figura 05 temos alguns modelos um pouco mais tradicionais das roupas evangélicas. Vestidos aparentemente mais compridos, com mangas, sem decotes, e também sem extravagâncias. Estes modelos são caracterizados pela existência de bolsos nos vestidos, botões, e golas mais largas. Porém algumas peças se destacam pela ausência de mangas ou mesmo por possuírem mangas muito curtas, além de possuírem pequenos decotes. Na modelagem, alguns são mais soltos ao corpo, enquanto outros são mais ajustados. Algumas peças também se destacam nas aplicações. Um dos vestidos possui abaixo do busto uma aplicação de “fuxicos”<sup>20</sup>. Outro vestido tem um decote que se destaca por ser contornado por aplicações. A costureira não especifica que tipo de apliques ele coloca, mas diante de algumas considerações anteriores acreditamos que são aplicações de “gregas”.

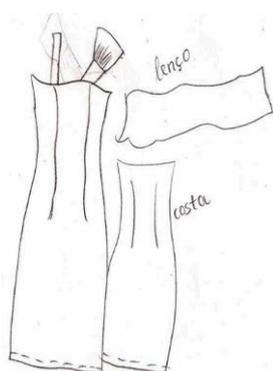


Figura 06: Croqui de vestido com echarpe  
Fonte: Acervo da Costureira



Figura 07: Materialização do vestido com echarpe.  
Fonte: Acervo Autora

<sup>20</sup> Roseta feita com pequenos pedaços de pano. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/fuxico>. Acesso em 03/12/2013.

Na figura 06, último dos croquis esboçados, trazemos um modelo mais diferenciado. O vestido é totalmente colado ao corpo, tem o comprimento pouco acima do joelho, e possui alças. Uma mais fina e outra um pouco mais larga, com um detalhe de caimento. Através dessa descrição, dificilmente poderíamos relacionar esse tipo de roupa a uma mulher assembleiana. Porém, como tantas outras “táticas” descritas anteriormente, essa peça se adéqua ao uso de uma assembleiana através de um acessório conhecido por “echarpe<sup>21</sup>”.

Esse croqui foi confeccionado para uma fiel assembleiana, e conseguimos obter uma fotografia dessa mesma fiel fazendo uso do modelo, como podemos perceber na figura 07. É importante observamos que quando o desenho se torna um objeto material conseguimos perceber alguns traços importantes que estando no papel é impossível refletir. Dentre eles, a cor do tecido. Isso porque, além de um modelo diferente dos padrões da Igreja, a fiel ainda utilizou um tecido de “cetim” na cor “rosa Pink”. Ou seja, um tecido e uma cor que se destacam pela extravagância. E que ajustadas ao corpo, atribuem um toque a mais de sensualidade. A echarpe foi confeccionada em um tecido fino e transparente na cor preto, e foi utilizado para cobrir as alças e os ombros da fiel assembleiana. Esse é, portanto, um modelo de roupa que foge aos padrões da Igreja, por sua modelagem e sua cor, mas ao mesmo tempo é parcialmente adequado, pelo “uso” de um lenço sobre os “ombros” femininos.

Portanto, é importante pensarmos na vestimenta como um objeto que permeia o cotidiano dos indivíduos, mas principalmente pensar a ação e reação dos indivíduos sobre estes objetos. O “homem” é um ser inventivo, cria e reconfigura constantemente os objetos a sua volta, lhes atribui novos e diferentes significados, os transforma de acordo com sua cultura. E é isso que as fiéis assembleianas fazem com as roupas, elas agem sobre as roupas comuns, transformando-as e trajas assembleianos. Para pensarmos esse assunto evocamos as considerações de Glessie (1999), para ele, através dos objetos se busca compreender os modos de vida de um determinado povo, suas manifestações culturais, as necessidades da época, as relações sociais existentes.

Mais a adiante o autor enfatiza que em termos práticos “o estudo da cultura material é o estudo da criatividade no contexto”. (GLESSIE, 1999, p. 16). Nesse sentido, Glessie (1999) atribui ao “uso” um processo criativo. Estamos falando do consumo de roupas, que se transforma em uso à medida que a mulher assembleiana cria e reconfigura novas formas de vestir. Para o autor o “uso” encontra-se na intersecção da criação e do consumo.

O uso é o que diferencia os objetos, é o que lhes atribui características próprias. Isso porque o mesmo objeto pode ser utilizado de maneiras diferentes, assumindo distintos

<sup>21</sup> Faixa de tecido de lã ou de seda que se usa nos ombros ou em volta do pescoço. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/echarpe/>; Acesso em 02/12/2013.

significados a partir das pessoas que o utilizam e dos contextos ao qual se inserem. É o caso da “echarpe” anteriormente citada. Em outros ambiente é um acessório utilizado para atribuir elegância ao visual, ou confeccionado em outros materiais, é utilizado para amenizar o frio. No contexto assembleiano é responsável por atribuir decência a um vestido sem mangas. Fazendo-o digno de ser utilizado para ir a Igreja. Pensando nisso, se um objeto é levado de um contexto a outro, seu uso pode ser transformado.

Não é a comida comprada, mas a comida processada e feita numa refeição- não é a camisa comprada na pechincha, mas a camisa como um componente em uma composição de roupas que informam sobre você. Refeições inteiras, jogos de roupas em ação ( amacia arquitetura dos ambientes que estão perto de nós), e coleções dos produtos montados em ajustes domésticos- estas são as chaves das criações da cultura material da civilização industrial. São nossos espelhos; nós nos vemos neles. São nossas lentes; os outros nos lêem através deles. (GLESSIE, 1999, p. 23).

Assim, por mais que a funcionalidade permaneça a mesma, os significados que os indivíduos atribuem aos objetos são diferentes. É através das distintas realidades, temporalidades, e culturas que as roupas vão adquirindo sua significância, refletindo tanto nossas escolhas pessoais como coletivas. De tal modo, quando nos vestimos de determinada maneira não atribuímos a isto apenas gostos individuais, somos levados por nossas ideologias, influências, e pelas normas que regem nossa sociedade. (OLIVEIRA, 2011). As roupas pertencem a uma identidade visível, as roupas informam. E fazem parte também de um processo de criação, manutenção e resgate de memórias.

Roche (2007) em sua “Cultura das aparências<sup>22</sup>”, salienta que um estudo histórico da vestimenta relaciona “dois níveis de realidade”, o do “vestir”, se referindo ao ato individual que se apropria das características do grupo. Ou o traje/vestimenta abordado de um ponto de vista sociológico ou histórico através de um sistema formal, sancionado pela sociedade. (ROCHE, 2007, p.58) Portanto, o individuo pode assemelha-se a um grupo através do traje e da vestimenta e pode distanciar-se dele empreendendo suas características pessoais no “ato de vestir”.<sup>23</sup>

Numa fala da fiel Andreia Mattos<sup>24</sup> é possível perceber essa ação da individualidade. Quando questionada a respeito da existência de algum detalhe que ela sempre utiliza em suas roupas ou do estilo de roupas que mais gosta, ela destaca,

<sup>22</sup> Nesta obra, Roche se dedica exclusivamente aos estudos da indumentária entre os séculos XVII e XVIII,

<sup>23</sup> Esse assunto também é debatido por Roche (2000) em sua obra. História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX.

<sup>24</sup> Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012.

E eu uso muito broche. Porque roupas que são muito cavadinhas aqui na frente, eu também não gosto. Aí eu uso muito broche. Às vezes o que dá um toque de diferença é o broche”. [...] existe chemisier como chamam, né. Que tá na moda ultimamente. É só praticamente o que eu visto. Então é, manga comprida, manga três quarto, e a saia aqui no joelho. Então, né, você bota um vestido, um cintinho, um sapatinho, fica vestida.

O uso frequente de um acessório como o “broche” é o que diferencia a roupas de Andreia, das demais irmãs de sua Igreja. Isso nos mostra que mesmo se adequando aos costumes e procurando assumir uma identidade visível, para se parecer com as outras, a busca pelo diferencial pessoal existe. Ao utilizar de táticas para diminuir o decote, na tentativa de adaptar suas vestimentas ao que lhe é permitido, a fiel também encontra uma maneira de obter certa exclusividade com o broche. Nesse trecho ela evidencia ainda que o estilo mais presente entre suas roupas são os vestidos *chemisiers*,<sup>25</sup> além do uso de cintos e sapatos. Assim, Andreia Mattos constrói para si um estilo próprio, fazendo uso dos signos femininos cobrados nos costumes de seu grupo.

---

<sup>25</sup> O termo *chemisiers* já foi explorado em outro momento.

## Considerações Finais.

A Igreja prega a necessidade da semelhança entre os trajes femininos, havendo uma tentativa de padronização das aparências, onde a roupa é vista pelos membros assembleianos como uma espécie uniforme. No entanto, o que percebemos é que essas mulheres empreendem modificação no “uniforme assembleiano” para se destacar das demais fiéis da Igreja. À medida que buscam se diferenciar das mulheres não crentes e se aproximar do ideal de mulher e aparência pregado na instituição, elas também empreendem suas subjetividades a fim de inserir um toque pessoal em sua aparência, é o que percebemos na falada fiel Ana Luiza Oliveira<sup>26</sup>,

Eu priorizo, cor nem tanto, eu gosto, num tenho muito apreço por cor não. Eu gosto de preto, gosto de branco assim, cor não é o principal não, mas eu priorizo o modelo. Porque eu gosto de coisa diferente. [...]Ah, um jeans é tão comum. A saia jeans é tão comum. Então tem vários modelos, tem cetim, tem seda, tem vários modelos. Tem tecido, então já vai mudando né, a forma e tudo. Tem, tem renda, tem saia com renda, tem saia, tem saia floral, então tem vários modelos que, que já são diferentes. Já dá pra adequar.

A busca do diferencial se traduz para a fiel Ana Luiza Oliveira, entrevistada através do uso de saias com estampas, já que para ela a saia jeans é algo muito comum. As saias de tecidos com estampas, ou com apliques de rendas é o que modifica seu traje. Isso mostra que a tentativa de se distinguir das mulheres do mundo e assumir o uniforme da mulher assembleiana, também é acompanhado pela tentativa de distinção dentro do próprio grupo. Onde tudo é realizado de forma sutil para não sair dos padrões da instituição. A fiel acredita na possibilidade de adaptar as roupas e se sentir ao mesmo tempo moderna e decente.

Percebemos, pois, que adaptar as roupas evangélicas a modernidade, ou seria melhor afirmar, adaptar as roupas da moda ao que pode ser utilizado na Igreja com base nos usos e costumes assembleianos, é uma prática reconhecida e praticada pelas mulheres. Tendo como imposição o não uso de calças no espaço sagrado da Igreja, e tendo ao mesmo tempo uma série de “restrições” com relação ao tamanho e modelo de saias, blusas e vestidos, as fiéis utilizam variadas “táticas e apropriações” para compor a indumentária da mulher assembleiana. Assim, se converter a Igreja ADTC de Milhã, não significa necessariamente deixar de se vestir bem, ou com vaidades. É acima de tudo respeitar os costumes, porém reconfigurando as práticas de uso das roupas.

<sup>26</sup> Nome Fictício. Entrevista realizada em 08/01/2012.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **O que é Religião**. 2a. Ed. São Paulo: brasiliense, 1981. Coleção Primeiros passos.

ANDRADE, Rita. **Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos**. Anais, Colóquio de Moda, 2006. s.l, s.d. Disponível em: [http://coloquiomodacom.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda\\_2006/artigos/100.pdf](http://coloquiomodacom.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/100.pdf). Acesso em 12 de janeiro de 2013.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material: economia e capitalismo séculos XVII-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CRANE, Diana. **A Moda e seu papel social: Classe, Gênero e identidade das roupas**. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac, 2006.

GLASSIE, H. **Material Culture**. Indianapolis: Indiana University Press, 1999.

OLIVEIRA, Rok Sônia Naiária de. **Construindo uma identidade e combatendo o vício da vaidade: a vestimenta da mulher Assembleiana de Milhã-Ce (1990-2011)**. 2011. 74 f. Monografia ( Graduação em História)- Faculdade de Educação, Ciências Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará. Quixadá, 2011.

ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências: Uma história da Indumentária (séculos XVII-XVIII)**. Tradução: Assef Kfoury. São Paulo: Editora Senac, 2007.

\_\_\_\_\_. Vestuário e Aparência. In: **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Tradução: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.256-291.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **O que é Pentecostalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção Primeiros Passos.

STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: **O Casaco de Marx: Roupas, memória e dor**. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000. p. 08-47.

THOMAS, Julian. **Materialities**. In: Archaeology and Modernity. London: Routledge, 2003. Pp. 202-222.